

(EU) ACHO (QUE): GRAMATICALIZAÇÃO OU DISCURSIVIZAÇÃO
(I) THINK (THAT): GRAMMATICALIZATION OR DISCOURSIVIZATION)

Raquel Meister Ko. FREITAG* (Universidade Federal de Santa Catarina)
Edair Maria GÖRSKI (Universidade Federal de Santa Catarina)

Abstract: qualitative estudy of sintatic and semantic changes for which the itm *achar* in brazilian portuguese pass over. This study is based in the funcionalist perspective.

Keywords: gramticalization, discursivization.

1. Introdução

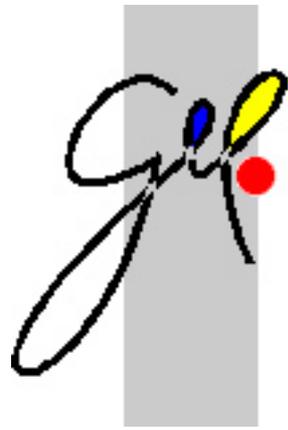
A forma (*eu acho (que)*) no português brasileiro tem apresentado comportamentos sintático-semânticos bastante variados que, analisados sob a ótica funcionalista, podem ser resultado de dois processos especiais de mudança lingüística: gramaticalização (cf. Hopper & Traugott, 1993; Heine *et al.*, 1991) e discursivização (cf. Martelotta, 1996). Para evidenciar a trajetória de mudança pela qual passa a forma *achar* e subcategorizar as funções desempenhadas, foram utilizados dados dos *corpora* do Banco de Dados Varsul de Santa Catarina.

2. Gramaticalização

Grosso modo, gramaticalização consiste na transição de um item pertencente a uma categoria menos gramatical a outra, mais gramatical. Não há uma definição consensual para o fenômeno mas à maioria das definições, é comum a idéia de gramaticalização como processo unidirecional, ou seja, um item menos gramatical passa a mais gramatical, nunca o contrário. De acordo com Heine *et al.* (1991) o processo dá-se quando uma unidade ou estrutura lexical assume uma função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função mais gramatical.

Alguns estudos analisam o comportamento semelhantes a *achar* em outras línguas. Um dos comportamentos de *achar* muito se assemelha ao desempenhado por *mettons (que)* no francês, conforme descrito por Vincent *et al.* (1993): é uma decategorização da forma verbal [(ad)mettre na 1ª pessoa do plural do imperativo] em direção a um valor adverbial. Isso é também muito semelhante ao que está ocorrendo com *I think* no inglês (Thompson e Mulac, 1991). *Eu acho, mettons e I think*, inicialmente formas verbais, passam por estágios intermediários distintos, mas se dirigem a um estágio em que se comportam semelhantemente a itens da categoria advérbio. De acordo com Hopper (1996), essas expressões, em processo de gramaticalização incipiente, estão sendo recategorizadas: deixam de ser verbos para ser advérbios. Thompson e Mulac (1991), porém, parecem não definir se houve de fato mudança de categoria, apenas que a expressão epistêmica *I think* passa a se comportar como um parentético, semelhantemente a *maybe*.

* Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq – UFSC



3. Discursivização

A pós-gramaticalização (Vincent *et al.*, *op. cit.*) é um processo pelo qual um elemento passa a um nível não-gramatical, obedecendo não mais às restrições gramaticais, mas às pragmáticas e interativas. Para Martelotta *et al.* (1996) a pós-gramaticalização (melhor denominada discursivização, pois nem sempre envolve um estágio anterior de gramaticalização) é a passagem de elementos da gramática ao discurso, com a decorrente perda de valores gramaticais e aquisição de valores pragmáticos. Os elementos que sofreram discursivização tendem a se tornar marcadores discursivos.

A denominação 'marcador discursivo' é aplicável a variados itens, oriundos de diferentes categorias. Os marcadores discursivos, segundo Castilho (1989, p. 265), são caracterizados por suas propriedades pragmáticas (sinalizam de que modo o falante está monitorando a interação), sintáticas (interligam as unidades discursivas, atuando como anafóricos e catafóricos) e semânticas (balizam a sucessão das informações).

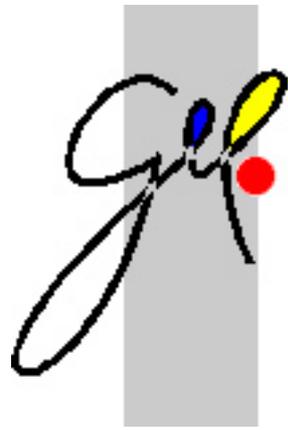
Urbano (1997) classifica a expressão (*eu acho (que)*) como um marcador conversacional de base verbal e lexicalizado. É uma expressão semanticamente válida, porém a informação que possui não integra nem colabora para o conteúdo referencial do texto enquanto estrutura de tópico (p. 88). Serve para modalizar, ou seja, para indicar aspectos relacionados à enunciação. (*Eu acho (que)*) é um marcador específico para sinalizar a atitude do falante em relação ao que vai dizer. Rosa (1992) classifica (*eu acho (que)*) como uma marca da enunciação, do tipo marcador de opinião formado por expressão verbal. Esses meios de atenuação são classificados, conforme Fraser (1980 [*apud* Rosa, 1992]), como verbos e advérbios parentéticos, que modificam a força ilocucionária do enunciado em que ocorrem, reduzindo o comprometimento. Os verbos e advérbios parentéticos estão fora do desenvolvimento seqüencial da unidade discursiva, e, portanto, apenas circunstancialmente inseridos no seu núcleo. São parêntesis, já que não estabelecem relação de dependência sintático-semântica com o núcleo da unidade discursiva. Os 'verbos parentéticos' são encontrados com mais frequência à esquerda do núcleo, porém, mesmo nessa posição inicial, parecem desempenhar a mesma função que os advérbios parentéticos.

4. Gramaticalização ou discursivização?

Considerando os estudos de gramaticalização e discursivização já realizados, é necessário decidir à luz de qual processo de mudança os comportamentos de *achar* são melhor analisados: gramaticalização ou discursivização.

A favor da gramaticalização, merecem destaque as abordagens de Thompson e Mulac (1991), Vincent *et al.* (1993) e Galvão (1999). Não há um estudo específico sobre *achar* e discursivização, embora estudos sobre a categoria marcador discursivo abarquem superficialmente esse elemento.

O comportamento modal epistêmico e parentético de *achar* é semelhante ao de *I think* no inglês. Thompson e Mulac (1991) analisaram a gramaticalização de expressões epistêmicas em epistêmicas parentéticas. *I think* ilustra o processo de gramaticalização comparável ao exemplo discutido em Heine e Reh (1984 [*apud* Thompson e Mulac, 1991]): um 'governing' ou elemento cabeça é reanalisado como um 'governing' ou elemento dependente. Não há evidências históricas que permitam afirmar que essa alteração sincrônica sujeito + verbo tenha equivalente diacrônico. No francês, o uso fixo do verbo (*admettre* na 1ª pessoa do plural do imperativo (*mettons*)) é, de acordo com Vincent *et al.* (1993), resultado da decategorização do verbo em direção à categoria advérbio, ou seja,



passa por processo de gramaticalização. O verbo *achar* no Português Brasileiro foi o objeto de análise de Galvão (1999), que elenca quatro comportamentos distintos do verbo *achar*, os quais se distribuem na seguinte seqüência no *continuum* da gramaticalização: verbo pleno; verbo performativo; “palpite”; advérbio. Confrontando os comportamentos apresentados no *continuum* com os parâmetros propostos por Lehmann (1984) e os princípios de Hopper (1991), Galvão conclui que o verbo *achar* passa por um processo de gramaticalização.

Já o resultado esperado do processo de discursivização é que o item torne-se marcador discursivo. Os estudos que tratam *achar* [ou melhor, a expressão (*eu*) *acho* (*que*)] como marcador discursivo não prestigiam a trajetória pela qual percorre o item até atingir função de marcador discursivo; ao contrário, recortam o item já cristalizado na função.

5. *Continuum* da mudança

Considerando o princípio da unidirecionalidade da gramaticalização e que a mudança dá-se da instância menos gramatical à mais gramatical, o *continuum* de *achar* deveria ser: exposição > avaliação > especulação > preenchedor de pausa

Porém, a análise qualitativa inicialmente feita para a delimitação das funções aponta que esse *continuum* fere o princípio da unidirecionalidade¹ (compare-se a função exposição com a preenchedor de pausa: a forma é a mesma, mas orientada para funções diferentes). Por isso, é possível que o *continuum* de *achar* não seja linear, mas seja como o apresentado a seguir:

↗ preenchedor de pausa
exposição
↘ avaliação → especulação

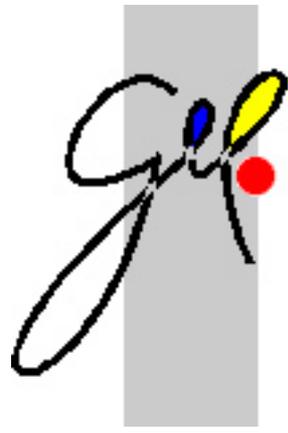
No *continuum* de mudança percorrido por *achar* perfilam diferentes funções discursivas que não se excluem; ao contrário, todas coexistem, remetendo a um dos princípios de Hopper (1996), *layering*: com o surgimento de novas camadas dentro de um domínio funcional, as camadas velhas não são necessariamente descartadas, mas podem coexistir e interagir com as camadas novas. É o que ocorre com *achar*.

Exposição: nesta função, *achar* comporta-se como um verbo de ato de fala assertivo, o qual expressa a crença do falante sobre a verdade da sentença, o comprometimento do falante para com o conteúdo expresso, significando “acreditar”.

“ e nós não casamos porque ele é divorciado e eu disse ‘dois maridos chegam!’ E **eu acho que** não é um papel que [ach-] faz a gente mais feliz ou mais infeliz não (est). E **eu acho que** o companheirismo vale mais do que uma paixão (est). Paixão passa e o companheirismo fica” SC BLU 05 lin 540

Avaliação: a estrutura de *achar* exposição pode ser desdobrada e *achar* avaliação passa a ter outra configuração sintática, pois subcategoriza uma míni-oração (*small clause*): **eu acho que** é muito fraco > **eu acho** muito fraco.

¹ Ver Hopper e Traugott, 1993.



“como o comércio, (est) que está aqui em Coqueiros é meio fraco. **Eu acho** muito fraco, não tem tantas lojas, [não tem] [de] se a gente quer alguma coisa tem que deslocar daqui ao centro ou ao Estreito.” SC FLP 17 lin 543

Especulação: A expressão epistêmica – *achar* avaliação – passa a ser usada em contextos com o traço [- certeza]. O uso concomitante a advérbios modais como “talvez”, “assim” dá à expressão o sentido de especulação, dúvida, sendo usada em situações em que o falante não tem muita segurança sobre o assunto ou não se lembra do fato ao qual iria se referir. É freqüente o uso em hesitações relacionadas à temporalidade.

“Depois tem o carnaval, baile de carnaval com música brasileira, com orquestra brasileira (est). Começamos **eu acho que** com cento e cinquenta pessoas, hoje, já tem (hes) quase mil (est). O salão sempre foi ficando maior, né?” SC BLU 05 lin 1133

Nesse contexto de hesitação, *achar* apresenta usos sem restrições sintáticas, uma manifestação de independência sintática semelhante a itens da categoria advérbio, como nos exemplos seguintes:

“tá, outra coisa (hes) são pessoas (hes) como é que poderia dizer, é o que mais marca é isso, que são pessoas assim, né? são pessoas de personalidade forte, **acho eu**, e de sangue quente (hes) falam alto, né?” SC CHP 19 lin 351

“eu só tenho estória trágica de colégio, **acho que** é por isso que eu não gostava de colégio, não gosto, **eu acho**.” SC CHP 18 lin 895

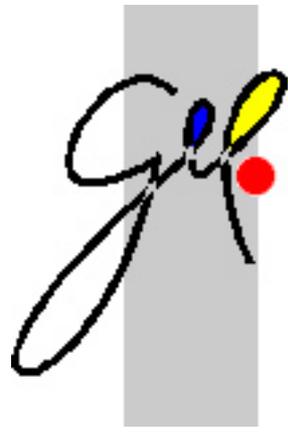
Uma hipótese para explicar essa independência sintática adquirida pelo item é a ação de mecanismos atuantes no processo de gramaticalização, como a reanálise e a analogia. Reanálise e analogia, conforme Hopper e Traugott (1993), costumam interagir no processo de mudança lingüística. A interação desses mecanismos está presente no processo de gramaticalização de *achar*: a reanálise do verbo + complementizador origina uma expressão modal epistêmica que adquire sentido e comportamento semelhante a dos itens da categoria advérbio, como “talvez”. Por analogia, a expressão passa a se comportar sintaticamente como um item da categoria advérbio: maior mobilidade sintática, podendo transitar entre os sintagmas.

Preenchedor de pausa: itens modalizadores (cf. Hoffangel, 1997:149) são freqüentemente utilizados como recursos iminentemente discursivos, preenchendo pausas decorrentes da organização e processamento da fala: o falante planeja seu discurso, expressando dúvida não sobre uma proposição a ser dita, mas sobre o que vai falar. Nesse caso, *achar* funciona como marcador discursivo (cf. Martelotta 1996).

Ah, [**eu acho**], **eu acho**, né? porque eu não sabia [como é que dá] como é que foram os meus pais, então eu, pra mim foi uma felicidade, né? SC LGS 1 lin 360

6. Conclusão

A diversidade de comportamentos apresentados por *achar* no português brasileiro é decorrente do processo de gramaticalização incipiente em que o item se encontra e



também do processo de discursivização. No *continuum* de mudança, *achar* desempenha as funções exposição, avaliação, especulação, preenchedor de pausa. A forma verbal dá origem a um item da categoria advérbio, semelhantemente ao que ocorre no francês com *mettons* e no inglês com *I think* e também a um marcador discursivo, com função preenchedora de pausa. O *continuum* de achar se bifurca: uma forma segue em processo de gramaticalização e outra, em processo de discursivização.

À conclusão, verifica-se que este trabalho não tem a finalidade de responder perguntas, apenas tenta abrir caminhos para possíveis respostas.

Resumo: estudo qualitativo das mudanças sintático-semânticas pelas quais passam o item *achar* no português do Brasil, sob a ótica funcionalista.

Palavras-chave: gramaticalização; discursivização

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTILHO, A. "Para o estudo das unidades discursivas no português falado" In: A. Castilho (org.) **Português culto falado no Brasil**. Campinas: ed. da Unicamp, 1989.
- GALVÃO, V. **O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização**. Campinas: Unicamp, 1999. [dissertação de mestrado]
- HEINE, B., CLAUDI, U., HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P. "Some recent trends in grammaticalization". In: **Ann., Rev., Anthropol**, 1996.
- _____, TRAUOGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- MARTELOTTA, M., VOTRE, S., CEZARIO, M (orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil – uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- ROSA, M. **Marcadores de atenuação**. São Paulo: Contexto, 1992.
- THOMPSON, S. MULAC, A. "A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parentheticals in English". In: E. Traugott, D. Heine (eds.). **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: J. Benjamins Com., 1991. Vol. 2.
- URBANO, H. "Marcadores conversacionais" In: D. Preti (org.). **Análise de textos orais (NURC/USP)**. 3. Ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFCH/USP, 1997.
- VINCENT, D., VOTRE, S. LAFOREST, M. "Grammaticalisation et post-grammaticalisation". In: **Langues et Linguistique**, n. 19. Quebec: Université Laval, 1993.